



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76

Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

PPPG

XXVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2024

QUEM VÊ OS GÊNEROS DE FRONTEIRA?

O LIMIAR ENTRE LITERATURA E JORNALISMO NA OBRA “A VIDA QUE NINGUÉM VÊ”, DE ELIANE BRUM

Gabriele Araújo Batista¹; Alana de Oliveira Freitas El Fahl²

1. Bolsista – PROBIC/UEFS, Graduanda em Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, Universidade Estadual de

Feira de Santana, e-mail: gabrielearaujo228@gmail.com

2. Orientadora, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:

alana.freitas@yahoo.com.br

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo literário; A vida que ninguém vê; Eliane Brum.

INTRODUÇÃO

Em contraste com a narrativa jornalística tradicional – focada numa transmissão que se pretende imparcial e objetiva dos fatos –, as produções jornalístico-literárias se utilizam de recursos e procedimentos narrativos próprios da literatura para contar histórias reais. Sendo um modo de fazer jornalismo, o compromisso com a realidade é premissa inegociável, e não se trata, como destaca Lima (2014, p. 26), de literatura “como sinônimo de obra de ficção”.

Um dos meios de circulação mais populares dessas produções é o livro-reportagem, que comporta textos de gêneros variados, abrigando os diversos formatos pelos quais o jornalismo literário apresenta suas histórias. Este trabalho, ao se debruçar sobre as crônicas-reportagem da obra “A vida que ninguém vê”, da jornalista e escritora brasileira Eliane Brum, analisa a presença dos traços que caracterizam essa modalidade nos textos, investigando o que revelam sobre o fazer jornalístico da autora e como se relacionam com o uso dos recursos narrativos/literários utilizados.

Para isso, a fundamentação teórica perpassa: 1) a compreensão do caráter fronteiriço do jornalismo literário, com as contribuições de Castro e Galeno (2002), Castro (2010), Lima (2014) e Martinez (2017); 2) o estudo do fazer jornalístico de Eliane Brum, em especial na obra escolhida, com destaque para a relação estabelecida entre a repórter e as fontes (Fonseca; Simões, 2011) e para o tratamento destas como personagens (Santos, 2013); e 3) a descrição dos traços característicos da modalidade, isto é, dos princípios que regem o seu funcionamento (Lima, 2009).

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

A pesquisa é de cunho bibliográfico. Assim, após a realização da leitura das crônicas-reportagem da obra, partimos para o estudo dos textos teóricos sobre Jornalismo Literário, bem como sobre o fazer jornalístico da autora do livro e os recursos narrativos de que se utiliza, buscando compreender se as produções podem ser caracterizadas como

jornalístico-literárias. Por conseguinte, elencamos cinco princípios que regem a modalidade e analisamos a sua manifestação nas crônicas selecionadas.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Um dos traços mais marcantes das produções jornalístico-literárias é a utilização de estratégias narrativas próprias da literatura, aspecto destacado na definição de Castro (2010, p. 5) para esse modo de fazer jornalismo: “conjunção de conhecimentos, saberes, savoir-faire, técnicas e estilos narrativos desenvolvidos pela literatura que podem (e devem) estar a serviço das rotinas de produção jornalísticas”. O reconhecimento da presença dessas técnicas nos textos da obra analisada, juntamente com a percepção de uma postura profissional humanizada e imersiva da repórter diante de suas fontes, nos conduziram em direção a nossas análises.

Ao estudar o jornalismo literário e as suas características, (re)conhecemos as complexas relações existentes entre o fazer jornalístico e os procedimentos narrativos empregados nos textos. Essa complexidade é bem expressa nos dez princípios que Lima (2009) aponta como regentes da modalidade. Em variados graus, tais traços se fazem presentes nas crônicas de Brum (2006), e optamos por investigar a manifestação de cinco deles na obra: humanização, imersão, compreensão, contar história e “estilo próprio e voz autoral”.

No livro-reportagem analisado, a maior parte das crônicas é protagonizada pelas fontes anônimas que a repórter transforma em personagens centrais. Nesse processo, sem perderem o *status* de fontes jornalísticas, recebem qualidades da personagem do texto literário, a exemplo das descrições físicas e psicológicas e da apresentação do enredo e do ambiente a partir da figura da personagem (Santos, 2013). Esse tratamento é precedido de um trabalho de imersão realizado pela jornalista: a humanização, que se traduz em suas crônicas pelo modo como traz o ser humano para o centro dos acontecimentos, só é possível porque Eliane imerge no universo do outro; aqueles sobre quem ela conta são, antes, aqueles a quem ela escuta e vê.

É também nessa via que, na contramão da tão desejada imparcialidade do jornalismo convencional, a narradora se expressa nos textos, com voz autoral, inclusive em primeira pessoa, tecendo reflexões sobre as personagens e as questões sociais evocadas pelas histórias e, em alguns momentos, convidando o leitor a refletir com ela (Fonseca; Simões, 2011), como ao final da crônica “Sinal fechado para Camila”, no qual a repórter trava um diálogo direto com quem a lê.

Assim, a pesquisa identifica que, mais do que o mero uso de recursos narrativos ou de questões de estilo, o modo como a repórter escreve sobre suas personagens está intimamente relacionado ao jornalismo que exerce.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

À vista das análises realizadas, concluímos que as crônicas-reportagem da obra possuem, sim, qualidade literária, respeitando, paralelamente, os princípios jornalísticos. Pela investigação dos recursos literários utilizados, depreendemos que para compreendê-los mais profundamente é necessário considerar, também, quais modos de fazer jornalismo estão dispostos a abraçá-los. Nesse sentido, ao estudarmos sobre o trabalho humanizado e imersivo de Brum, compreendemos que os recursos que mobiliza para narrar as histórias de suas fontes se nutrem da sua postura enquanto repórter. E é assim que, em

“A vida que ninguém vê”, Eliane Brum escreve, ainda que não intencionalmente, mais um belo capítulo da próspera união entre jornalismo e literatura no Brasil, nos apresentando um real mais absurdo que a ficção, que nos convida, a cada texto, a olhar para as vidas anônimas que tanto dizem sobre as nossas.

REFERÊNCIAS

BRUM, Eliane. *A vida que ninguém vê*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

CASTRO, Gustavo de. *Jornalismo literário: uma introdução*. Brasília: Casa das Musas, 2010.

_____ ; GALENO, Alex. (eds.). *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. 2.ed. São Paulo: Escrituras, 2005.

FONSECA, Isabel de Assis; SIMÕES, Paula Guimarães. Alteridade no jornalismo: um mergulho nas histórias de vida do livro “A vida que ninguém vê”. In: *Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação*, nº 16, 2011, São Paulo. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/resumos/r24-0523-1.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2024.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Jornalismo literário para iniciantes*. São Paulo: Edusp, 2014.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura – jornalismo literário*. 4. ed. São Paulo: Manole, 2009.

MARTINEZ, Monica. Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 40, n. 3, p. 21-36, 2017.

SANTOS, Kássia Nobre. *Quando a fonte vira personagem: análise do livro-reportagem “A vida que ninguém vê”, de Eliane Brum*. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós Graduação em Letras, Universidade de Santa Cruz do Sul, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/521/1/KassiaSantos.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2024.